



N.º 19 — LISBOA, 21 DE MAIO

1.º ANO 1933

PARODIA

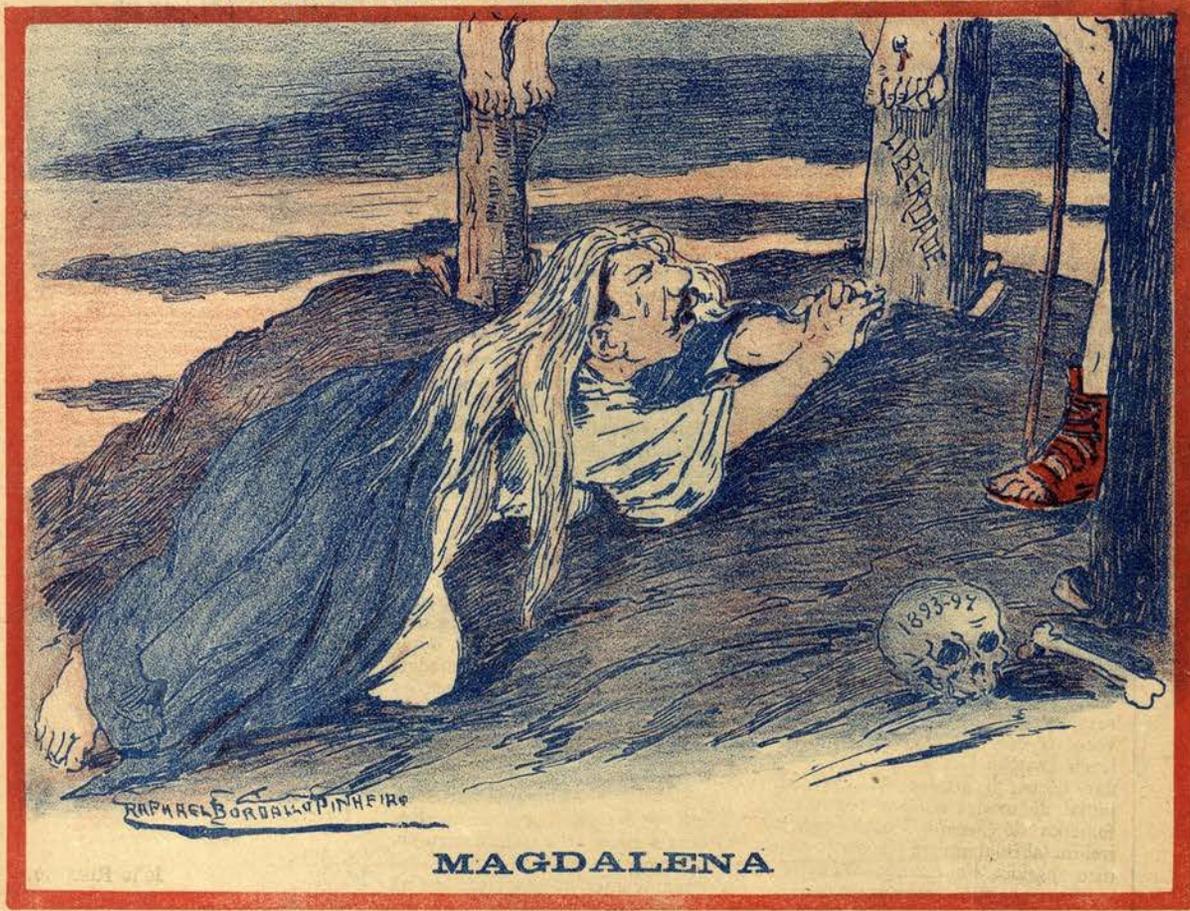
COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º
Assignaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 52 num. 12000 rs. | Brazil, anno 52 numeros. 22500 rs
Semestre, 26 numeros. 6500 rs. | Africa e India Portuguesa, a no 12000 rs.
Cobrança pelo correio. 2100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros. . 12500 rs.
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre accitam-se em qualquer data ;
tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
111, Rua do Norte, 113
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua do Almada, 32 e 34

O CALVARIO DA RUA DA EMENDA



MAGDALENA

Modas & Confeccões

(SUITE)

Abandonada ás suas impressões, mais fortes do que os seus habitos (porque é certo que as mulheres não tem por costume dirigirem-se á imprensa periodica senão sob a fó-ma de *creadas para todo o serviço*), uma leitora da *Parodia* entrou em comunicação conosco por intermedio de uma carta de que em seguida damos o texto, com tanto maior prazer, quanto em mais de um ponto concordamos com elle absolutamente.

Segue a carta:

Sr. Redactor

A ultima chronica da *Parodia* teve o privilegio de me chamar á vida das idéas, de que o meu marido e até certo ponto o abuso do chá verde me trazem ha muito tempo affastada. Estava, por assim dizer, esquecida. Meu marido, deixe-me dizellho, não é um homem de imaginação. Estou mesmo convencida de que não me engana. Já viu maior semsaborão! Que quer? A infidelidade dos homens é o mais doce martyrio da mulher. Depois, não é essa amarga e cruel perfidia, um attributo viril? E' como fumar. Eu não posso aturar os homens que não fumam. Meu marido não fuma. Está d'ahi a vêr o meu *ménage*? Somos casados ha tres annos e esses tres annos não me tem parecido senão um immenso bocejo. Mas — perguntará v. — porque casei eu? Ah! não n'o pergunte! Eu casei para não ser solteira. Se gostei d'elle? não sei. Umaz vezes parecia-me que sim, outras que não. E' assim que nós casamos. Depois, estava feito. Resignei-me. O casamento é feito de resignação. Vieram os dias desoccupados, as longas noites de *tête-à-tête* com elle e o seu jornal. Meu marido lê sempre um jornal depois do jantar, o que em regra lhe toma o resto da noite. Habituei-me. O casamento é tambem um habito. E' preciso a gente habituar-se a ser casada, como se habitua a trazer uma camisola de flanela. Revolvi um grande numero de pensamentos funestos. Um dia encontrei-me victima. Chorei. Alliviei. Todas as penas da mulher se resolvem em agua. O grande equivoço da minha vida sepultei-o n'um lenço d'assoar. Depois, entrou tudo a dar horas. Egordei. Assignei um jornal de modas e li com regalo um folhetim do *Seculo*. Um dia encontrei-me absolutamente d'accordo com meu marido. Foi quando elle disse: — «Estamos aqui, estamos em maio».

Estavamos realmente em fins d'abril, e a renda avançava. Meu marido só exprime algumas idéas nas visinhanças da renda e das contribuições. Foi por então que me caiu sobre os olhos a *Parodia* — ha de haver seis dias. Devo dizer-lhe que não sou leitora do seu jornal. Eu não ousaria ter um jornal meu. O jornal que leio é o que meu marido lê e de que partilho conjugalmente como partilho o leito. E' no que elle funda, creio eu, a sua comunidade de idéas commigo. Dá-me no *Seculo* o folhetim, como eu lhe dou na cama, o lado da parede. Elle toma o resto: é a parte do leão. A *Parodia* veio, pois, por acaso, mas elle verdadeiramente não a lê. Vê — como elle diz — os bonecos. Eu li e foi em mim um tão prompto despertar de mim mesma e das tantas coisas adormecidas que guardava no fundo do coração, que não pude occultar a minha immensa alegria. Patricio — seja Patricio — disse: «Que tens? Mordeu-te algum bicho?» E' assim que meu marido costuma assignalar os meus estados d'alma. Longamente premeditei esta carta, e quando me decidi a escrevel-a, fechada por dentro, no meu quarto, como o faço agora, conheci, estou conhecendo todos os jubilos demoniacos do peccaminoso adulterio. Eis-me aqui. Tenho mêdo, um mêdo delicioso de que meu marido venha. Mas elle não vem, não — o semsaborão! Não importa! E' assim que deve ser a traição, com este sabor e este estremecimento. A pelle arripia-se-me. Já fui duas vezes á janella e pareceu-me que uma visinha me olhava com olhos perspicases. Sinto-me resplandecente.

Emfim — *me voilà* a mim e aos meus chapéus, a todos, cheios de reconhecimento e de plumas. Graças, senhor, graças lhe sejam dadas pela voz solitaria mas grandiosa que levantou — por nós e por elles! Graças! Em volta d'esses chapéus, que o arbitrio do Homem nos arranca violentamente dos cabellos, quantas formosas reivindicações. E' assim! E' bem assim! E' já enorme, é já prodigioso, é já esmagador o numero das nossas escravidões. Era nosso o Capricho. Se nol-o tiram, o que fica de nós, pobres condemnadas, através de todas as transformações emancipadoras, a uma eterna servidão? Se de todo em todo o Homem nos despoja da Phantasia, da Galanteria, da Graça, ai de nós! regressamos a Roma e aos tempos barbaros. A mulher é a peor obra do homem. Graças a elle e ao seu duro orgulho, ella permanece em uma condição injustamente inferior, na sociedade e na

natureza. As leis disputam-lhe ainda hoje os seus direitos, a physiologia encontra-lhe um milhão de berbicachos, a sociedade condemna-a á Virtude. O homem fez revoluções — para elle. Fez 89 — para elle. Fez as monarchias constitucionaes, as republicas parlamentares, o plebiscito, o suffragio, as Cartas, a rethorica, as campanhas e os copos d'agua — para elle, só para elle. Para nós é *Ida-de-Média*, antes da bussola, da imprensa, da critica e dos muros de Robespierre. Como beneficiavamos do Progresso? — Pelas modas e confeccões. A nossa alma permanecia na escuridão, mas o nosso corpo vestia-se de purpura. Ao mesmo tempo vingavamos-nos. Dois terços do tra, balho humano era, é nosso. O homem escravizou-nos, tutelou-nos, usurpou-nos. Nós arruinamol-o. Toda a desordem economica era nossa. Nós eramos o corpo que consomme; elle era o corpo que produz. Nós eramos a larga, escancarada ferida por onde elle sangrava, e, apesar da nossa derrota, o nosso triumpho era completo. D'um lado estava a mulher, serva, mas ociosa; do outro estava, o homem, senhor, mas activo. O homem suava em bica e o seu suor era a nossa justa represalia. Ouviase uma gargalhada: era Eva rindo, a encomendar vestidos. Nós não tinhamos tomado a Bastilha, embora Joanna d'Arc tivesse estado em Reims, mas o mundo era nosso. Para onde vamos agora? Não quero pensar o. A primeira vez que tive de tirar o meu chapéu á porta de um theatro, não fui menos immensamente desventurada do que um rei ao assignar a sua abdicção. O principio da soberania reside muitas vezes n'uma pluma ao vento. A primeira vez que assisti a um espectáculo em que as mulheres todas estavam em cabelo, tive a impressão sanguinolenta de que eram as suas proprias cabeças que tinham sido decapitadas e que, como no tempo da Grande Revolução, voltava o Terror — o Terror dos chapéus.

Mas... perdão! Bateram. E' meu marido! Estou toda a tremer de commoção e é a tremer que me subscrevo.

Sua grata leitora,

Incognita.

Post-Scriptum — Não era meu marido. Ainda está para succeder que meu marido me dê um abalo forte.

Por copia.

JOÃO RIMANSO.

AS CRIANÇAS

Eu não sei que vida dão—em Lisboa—às crianças durante uma semana inteira, em que, se percorrerem todos os jardins, não encontramos um unico d'esses grupos, saltando, doudejante e alegre, os cabelos soltos ao vento, as pernas quasi nuas, os fatos ligeiramente cingidos, gosando um pouco de bom ar, uma nesga de bom sol.



Nós que andamos sempre a copiar Paris e nos preocupamos, todos os dias, com a cor que a moda decretou para os seus vestidos, com o corte que adoptou para as suas casacas, com a phraseologia dos seus *club-men* e das suas *cocottes*, com as historietas dos seus *boulevards* e dos seus cafés, que indagamos, enfim, com uma curiosidade de senhoras visinhas, tudo que se segreda na formosa capital, mantemos uma absoluta indifferença por muitas coisas que ella tem de bom e de util e que nós, exactamente, deveríamos imitar de preferença.

E' vêr a differença enorme entre os nossos jardins da Escola, da Patriarchal, da Estrella e os mais insignificantes *squares* da grande cidade. Enquanto os nossos estão, completamente, desertos, lá fóra echoam nos ares os trinados festivos de centenas de crianças, de faces avermelhadas, largos sorrisos descerrando-lhes os labios, fraternizando as suas alegrias, e, aqui, formam uma cadeia graciosa n'um rodopio incessante, ali correm ao desafio com os arcos e as pélas, enquanto uns se exercitam nos saltos de corda e outros em trapessios e baloiços. Collegios de rapazes e raparigas vão ali passar as duas horas de recreio, aprendendo, ao mesmo tempo, com os seus mentores, a reconhecerem as arvores, os arbustos, as flores... E enquanto esse mundo solta as suas gargalhadas ao vento, em convivio com as aves e com as rosas, as mães e as *bonnes*, que levaram os seus bancos de tapete e os seus cestos de trabalho, lêem, bordam, costuram, até que chegue a hora da partida para o jantar.



Em Lisboa, onde o sol tem prodigalidades que não sabemos aproveitar, as coisas passam-se bem differentemente.

As crianças saem ao domingo, que é o dia do estylo... Durante os outros dias vivem nos corredores e cubiculos das suas casas, quasi todas desconfortaveis, sem patios, nem terraços, quando muito com acanhadas varandas.

N'esse dia feustoso, unicamente, é permitido á infancia gosar brisas e aromas, saborear um pouco de musica, depois de ter saboreado um pouco de missa. N'esse dia, de meias limpas e barbas escanhoadas, os papás levam os meninos a passear, de mãos dadas; nada de correrias, de saltos, de gaiatices... Estão vestidinhos de lavado, observam. Crianças de sete e oito annos teem já ares de pequeninos conselheiros, physionomias solemnes, luvas e bengala, chapéus enterrados até á nuca, cabellos alisados a cosmeticos. Sentam se nos bancos, o papá d'um lado, a mamã do outro e o menino ao meio,



de cara alvar, ouvindo a critica que os dois estabelecem sobre o cavalheiro ou a dama que passa. Outros, os de quatro ou cinco annos, arrastam-se, difficilmente, entre saiotos engommados com bgrdaduras feitas pela mana mais velha, largos chapéus de ramos floridos, lacarotes enormes pendentes á cintura, cabellos frisados, em caracoes, e leque de varetas de marfim, agitando-se, docemente, na dextra.



A unica extravagancia, que lhes é permitida, é servirem de anjinhos no Nosso Pae da freguezia, de forma que, quando chegam á idade da jaleca, resumem o seu ideal em empunharem a vara d'um cereal e ladearem um pallio.



E passam os domingos, igualmente, sentadinhos nos bancos, porque, se vão correr, lá se lhes amarrotam os engommados e desmancham-se-lhes os frisados... Quando muito vão com o papá á beira dos lagos, onde o austero ancião mergulha a bengala para fazer nadar os peixinhos vermelhos. Então o pequeno, que está ansioso de qualquer cousa que o divirta, alegra-se, interrompe as investigações a que procede com os seus dedinhos no nariz, bate as palmas delirante e pede para que se repita a graciosa distracção.



Se não estiverem quietos, não tornam a sair, murmuram-lhe aos ouvidos os ditosos casaes, que os fabricaram em cálida noite de nupcias. E elles obedecem, receiosos, tímidos, acanhados, entre os elogios das pessoas conhecidas que os consideram muito bem educadinhos, com muito proposito, dignos de alguns pasteis, que constituem a recompensa do seu bom procedimento. Uma especie de habito de Aviz... desfeito em nata.

E' sobretudo na sociedade burgueza, toda ella de sedas pretenciosas, ares aristocraticos, copiando figurinos caprichosos, que mais se nota esta maneira de cultivar os fructos dos matrimonios felizes. Preocupada no meio d'esta febre de luxo, de ouro, de grandeza, em egular heroes e heroínas em voga, de attingir as sociedades mais elevadas, de n'ellas entrar e pavonear-se, deixam perder umas certas regalias e vão sacrificando—n'essa lucta—os proprios filhos.

E enquanto as crianças, victimas dos preconceitos, aguardam, tranquillamente, o domingo, para aspirarem os perfumes das oliaes em flôr, eu vejo, todas as tardes, pelo espaço, baterem as suas azas os bandos de aves, chilreando, alegremente as suas festivas canções de amor.

M. C



Protesto

Diz um collega :

«Seis alumnos da Academia Polytechnica pertencentes ás familias reconhecidasmente reaccionarias, publicam amanhã em alguns jornaes, um protesto contra a mensagem que os condiscipulos enviaram a Combes, presidente do conselho de ministros da França, protestando contra a perseguição ás congregações religiosas.»

Rapazes! No meu tempo os estudantes nem liam os jornaes. Hoje é isto.

Não se contentam com a politica de casa, até se mettem pela estrangeira.

O diabo é que estes seis anabaptistas com o seu protesto são capazes de deitar por terra o sr. Combes e a Republica Franca.

Juizo rapaziada!

Vicissitudes de um vestido de cauda



ESTE É O ARROYO E COMO OS RIOS, CORRE PARA O MAR

Incidente á beira de um arroyo

A fé é que nos salva

Afirmam os illustrados
Que não estudam p'la rama,
Que no Pantheon dos fadados
Estão os ossos mirrados
Do illustre Vasco da Gama.

Que lá dormem em socego
Os do cantor do Magriço
E das nymphas do Mondego...
E que foi Castilho cego
O primeiro que viu isso!

Tambem affirmam os nossos
Que não são faltos de fé,
Que, mais finos ou mais grossos,
Lá encaixaram os ossos
Do grande vate Garrett.

Mas, pensando como posso,
Não receio de dizer
Sem fazer grande alvoroço,
Que n'esta questão do osso
Linda ha muito que roer.



Sobre o caso nada digo,
E vou coçando na calva
Que me deu fado inimigo...
Pois lá diz rifão antigo
Ser a fé a que nos salva.

Mas dizia o padre Soisa,
Natural de Guimarães
E sabio prior em Loisa:



—Cuidado com a tal coisa
Que é o regalo dos cães!

Quando morram os Arroyos,
Fuschinis e outros dos nossos,
Glorias cá dos luzos cojos,
Não sejamos nós saloios,
Ponhâmos marca nos ossos.

O que de dizer acabo
Não se atire para o canto...
Pois seria monoscabo
Ver um osso de diabo
Passar por osso de santo.



OUTRA NA FERRADURA

Departamento da instrução publica.
Prosa do director geral, conselheiro Abel
d'Andrade, no seu ultimo relatorio.
Assumpto: João de Deus, pedagogista:

«A obra carinhosa do poeta encontrou
abrigo em todo o paiz, e a sua existencia tem
sido de ininterruptos triumphos, que outro
nome se não pôde dar ás conquistas feitas
no campo do analfabetismo.»

E' o chamado estylo—*montanha russa*.
Desce se vertiginosamente pela «obra car-
inhosa do poeta», vence-se com precipita-
ção o raciocinio em virtude do qual ella pô-
de «encontrar abrigo em todo o paiz», e tor-
na-se a descer por um resvalo de «ininter-
ruptos triumphos», que a construcção gram-
matical não permite bem distinguir se de-
vem ser attribuidos ao poeta, se á sua obra;
ascende-se de novo em uma duvida sobre se
esses triumphos podem legitimamente ter o
nome de triumphos, se o de conquistas, e
finalmente enfia-se de cabeça, no pavor e na
tontura de cair, pelo «campo do analph-
betismo.»

E' o ultimo declive, e a gente raspa-se en-
xugando o suor e promettendo para nunca
mais.



Vozes d'outr'ora.
Ultimo soneto de João Penha:

«Não bebas mais; bebe-me, oh anjo, a mim
Bebe-me est'alma, apaga a sede n'ella:
Bebe me nos meus labios de carmim!

E' uma forma da propaganda contra o al-
coolismo.

Mas a emenda é peor que o soneto.
O soneto é excellente. O conselho é pes-
simo.

Entre os labios de carmim e o Clarete
Wenceslau, tudo, a hygiene, a moral, o bom
gosto mandam inclinar á alma para o Clare-
te. Ainda é dos dois o que tem menos tinta.



Um jornal do Porto chama ao sr. João
Arroyo o Coquelin da Camara dos Pares.
Talvez.
No *Tartufo*.



Litteratura — *signé Leitão*.

«Vumani, que a principio parecia contra-
riado com a toilette da condessa, disse-me:
— Esta mulher e elegante, genero extra-
dry.»

Talvez em resultado dos ultimos banquete-
tes, os vinhos finos estão subindo á cabeça
da litteratura.

Agora, a mulher *extra-dry*.
Esperemos que uma litteratura menos ele-
gante ponha em circulação uma marca mais
ao alcance de todas as algibeiras.

Verbi-gratiae: a mulher-palhete.
Será grato ao paladar dos provadores de
bons cascos, afirmar então com proficiencia:
— Esta mulher é elegante. Um pouco pa-
lhete.

O que afinal é profundamente digno de um
paiz vinicola.



De um periodico da noite:

«O automobilismo já não pôde desappa-
recer; baratear-se-ha o seu fabrico, multipli-
car-se-ha, chegará até ás classes medianas
da sociedade.»

Mas já chegou. Chegou mesmo ás ultimas
classes!

O typo do automovel já em exercicio é o
Contribuinte.

E com muito menos cheiro.



Depois de uma visita á fabrica de phos-
phoros, no Beato, e em seguida a um excel-
lente lunch da casa Ferrari, a imprensa fi-
cou profundamente convencida de que a fa-
bricação dos phosphoros não deixa nada a
desejar.

Não ha realmente nada melhor para em-
purrar a Verdade do que uma bucha.



Noticias de Paris:

«Bartholomeu Ferreira, o secretario da le-
gação, recebeu ordem do medico para sair
amanhã.»

O medico do sr. Bartholomeu Ferreira de-
ve com certeza ser o sr. juiz Veiga.
Pela maneira como o trata...



Outras noticias de Paris:

«No hospital de Ormesson sua magestade
condecorou soror Candida com o habito de
Christo. A religiosa agradeceu muito com-
movidamente, dizendo que mais apreciaria ainda
um beijo da rainha. A senhora D. Amelia
beijou então por duas vezes soror Candida.»

E assim foi creado o habito... do Beijo.



Suas altezas chegaram excellentemente.
«Soberbo aspecto de saude» —informa um
jornal. Outro esclarece: «Os principes apre-
sentavam magnifico aspecto, revelando nas
physionomias a maior satisfação por se
acharem novamente na sua patria.»

Que suas altezas revelassem satisfação
nas suas physionomias eis o que está perfei-
tamente bem. Mas que essa satisfação espe-
cialmente exprimissem o sentimento de recu-
perar a patria, eis o que nos parece ir além
das revelações da face humana, mesmo nos
principes.

O semblante do homem não exprime se-
não muito resumidamente o que o homem
tem dentro.

Só os frascos, nas pharmacias, são expli-
citos.

O homem é mais enigmatico.



Já se fala em metter Camillo nos Jero-
nymos.

Mas isto não é um pantheon: —é uma lata
de sardinhas!

O FERRADOR.

Casal mal casado

Casou-se Aurelia Marcolfa
Com André, rei dos caloiros :
O marido adora a solfa,
A mulher adora os toiros.

E, como estes amadores
Tocam diversas charangas,
D'entre um puro céo d'amores
Surgiu o inferno das zangas.

Quando elle de Donizetti
Os compassos exercita,
Ella berra como sete
A dar vivas ao Guerrita,

Se elle, todo entusiasmado,
Quer levar uma aria ao cabo,
Ella elogia o forcado,
Mestre nas pégas de rabo.

Se em S. Carlos o homemsinho
Vae alugar camarote,
Ella arrebita o focinho,
Pensa em correl-o a chicote.

Ahi n'um dia qualquer
Elle não pede conselho,
E indaga por que a mulher
Amava tanto o chavelho.

Lá para as bandas de Alfama
Consulta uma bruxa sábia,
Velhota de muita fama
E nada falta de labia.

Funga a bruxa o seu rapé,
E dá resposta de prompto
Ao bom do senhor André,
Doutorado em contraponto :

«—São gostos, meu caro amigo ;
Cada qual lá tem o seu...
Comtudo, sempre lhe digo
Que é bom mudar de chapéu.»



Embalgador

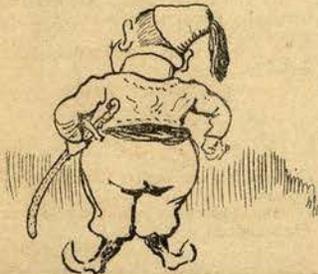
Ha annos, quando se quiz nomear um
embaixador para a Turquia, andou-se a in-
vestigar quem serviria para tal logar.

Era uma difficuldade.
Este não sabia turco, aquelle não sabia
nada... até que alguém descobriu.

—Homem, ha um individuo que serve.
—Quem ?
—O visconde de...
—Porquê ?
—Porque já tem fato.

—?
—Vestiu-se no baile dos condes de... de
turco. E' uma bella figura.

Foi o homem convidado e acceitou.
Quem des-cobrirá o governo, agora, que se
tenha vestido de chinez para as novas em-
baixadas ?
Veremos.



Uniformes

Diz-se que vão ser reformados os unifor-
mes da marinha.

Depois da reforma dos do exercito era
justo para não haver ciumes nas tropas de
mar e de terra.

Pela maneira como o governo vae fazen-
do reduções e economias, calculamos que
será para baratear os uniformes.

Como são para o mar, lembramos ao sr.
ministro a conveniencia de adoptar a gaze.
Barata e fresca.

Será occasião das mulheres poderem can-
tar, com justiça, á passagem das tropas.

Como são bellos,
Como são bellos,
Os militares !

Moira

O imperador de Marrocos, pediu á Hespa-
na a extradição de uma moira convertida
ao christianismo.

E mandaram lh'a.
Que demonio quererá da pobre mulher o
caricato imperador dos chinellos e do enxo-
ta moscas ?

Naturalmente faz-lhe falta para lhe lavar
os pés e cortar as unhas.

Os padres ficaram fulos.
E' bem feito. Tambem já lhe servem as
moiras ?



Espigas e mais espigas

Zé, lava a porca da cara,
Faze á tristeza uma figa,
Os collarinhos prepara
E empenha coragem rara
Para apanhar nova espiga.

Contra a dura lei do sêllo
Não grites, não faças briga ;
Serias mesmo um camello
Se fugisses com o pello
Aquella taluda espiga.

Tens decimas relaxadas,
Apertas muito a barriga ?
Pois deixa-te de tachadas
E empanha as barbas honradas,
Não bufes, paga essa espiga.

O governo portuguez
Vae tomar feição amiga...
Dizem que vae d'esta vez
Seguir o systema inglez
Que ao tributo adoça a espiga.

Dão-te pão com serradura ?...
Amola o dente, mastiga,
Ri-te da tal diabrura...
Come o cão coisa mais dura
E não se queixa da espiga.

Bebes vinho de mixtella
Que a mil vomitos obriga ?...
Mas arranjas a piela,
Caes, partes uma costella
E arranjas mais outra espiga.

Já não te fia o da tenda
Feijão que a tripa castiga ?...
Procura outro que t'o venda,
Ferra calote e na prenda,
Dá ao tendero outra espiga.

Bem sei que tu andas rôto,
Que é grande a tua fadiga...
Mas quem desanda em garoto
Capaz de vender o voto
Nunca se queixa da espiga.

EXPEDIENTE

Por motivo de força maior, não pôde ir
n'este numero a continuação do *Serão*.
Irá na proxima semana.

Capa d'A COMEDIA PORTUGUEZA

A côres e dourada

PREÇO 600 RÉIS

Encadernação 200 réis

Os pedidos da provincia devem vir
acompanhados de mais 40 réis para
porte do correio.

1.º anno d'«A Comedia Portugueza»

ENCADERNADO

Preço 2\$400 réis

Vende-se na rua do Gremio Luzi-
tano, 66, 1.º, e na Travessa da Boa-
Hora, 39, 1.º

TABOLETAS

Em todos os generos, dourados,
pintura e gravura em vidro, letras de
zinco em relevo, etc.

FRANCISCO SANTOS

R. do Gremio Lusitano 41, 43,

RELOGIOS

Dos melhores fabricantes. Relojoaria BO
TELHO. Rua do Ouro. (Junto á esquina do
Rocio).

Ourivesaria e Relojoaria

com officina anexa
de fabrico e
concertos



Jóias

Com brilhantes

Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

Callista

pedicuro



JERONYMO FERNANDES

Empregado da casa Ornellas

R. SERPA PINTO, 48, 1.º

(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e

deseneravamento de unhas

pelos mais modernos pro-
cedimentos até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que vi-
site e te consultorio para se certificar dos verdadeiros
milagres que alli se operam.

Das 9 ás 5 da tarde

